



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora no Leste Fluminense

'Keeping the base' and 'making a living': domestic problems and working in an online delivery company in Eastern Rio de Janeiro.

Ana Raquel Rosa do Couto¹

Resumo: Este artigo examina as relações entre casa e negócio em uma distribuidora familiar de entregas online na região metropolitana do Rio de Janeiro, destacando como a plataformização organiza tempos e fluxos no cotidiano dos entregadores. Com base em uma etnografia, o estudo acompanha Manuela, uma motogirl, e seu marido, Neto, enquanto articulam práticas de cuidado nas responsabilidades domésticas e a gestão de uma base logística operada a partir da casa da família. A análise dialoga com debates sobre antropologia das mobilidades, dinheiros e casas, além de estudos de gênero e trabalho digital. Ao considerar as mediações das plataformas e as moralidades que orientam o uso dos dinheiros e a divisão generificada do trabalho, o artigo evidencia como as economias domésticas são produzidas por arranjos que combinam tecnologias, dispositivos, parentesco e práticas relacionais no interior da informalidade.

Palavras-chave: Trabalho generificado. Práticas de trabalho informal. Economia doméstica. Usos sociais do dinheiro. Mulheres entregadoras.

Abstract: This article examines the relationship between home and business in a family-run online delivery operation in the metropolitan region of Rio de Janeiro, highlighting how platformization organizes temporalities and flows in the everyday lives of couriers. Drawing on ethnographic research, the study follows Manuela, a female motorcycle courier, and her husband, Neto, as they articulate care practices within domestic responsibilities alongside the management of a logistics base operated from the family home. The analysis engages with debates in the anthropology of mobilities, monies, and houses, as well as with scholarship on gender and digital labor. By considering both the mediations of platforms and the moralities that shape the use of money and the gendered division of labor, the article demonstrates how domestic economies are produced through arrangements that combine technologies, devices, kinship, and relational practices within conditions of informality.

Keywords: Gendered labor. Informal work practices. Household economy. Social uses of money. Female couriers.

¹ Doutora em sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFF). E-mail: anaraquel@id.uff.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4838269606342287>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8367-286X>.



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

Introdução

O artigo examina as articulações entre casa e negócio no cotidiano de entregadoras da região metropolitana do Rio de Janeiro, a partir de uma etnografia em um negócio familiar de entregas operado na casa da sogra de Manuela, que o administra com seu marido, Neto. Analiso como instabilidade econômica, arranjos cotidianos, divisão generificada das atividades na *base* e práticas relacionais com o dinheiro organizam modos de sustentar a vida em contextos de informalidade.

As atividades da distribuidora se conectam às plataformas Mercado Livre, Amazon, Shopee e Total Express, cujas dinâmicas algorítmicas organizam ritmos, fluxos, metas e a infraestrutura doméstica do negócio. Inspirada em Zelizer (1998; 2009; 2011; 2017), entendo o dinheiro doméstico como um objeto relacional, cujos sentidos se definem nos vínculos entre circuitos morais e usos cotidianos. As decisões de Manuela e Neto sobre como destinar a renda, entre contas, pagamento de funcionários, manutenção do veículo e alimentação, expressam critérios nativos de “dar conta” da casa.

Mobilizando referências como Araújo Silva (2017), Biehl & Neiburg (2021) e Motta (2023), tomo a casa como unidade relacional e política, simultaneamente doméstica e produtiva, cujas fronteiras e responsabilidades são reconfiguradas pelas práticas econômicas ordinárias. Mais do que o orçamento, interessa compreender como os dinheiros circulam, são separados e disputados, revelando estratégias de vida e projetos de futuro.

Na primeira seção, apresento os fundamentos teóricos que orientam a análise da casa como objeto socioantropológico. Em seguida, descrevo a trajetória de Manuela e o início da base: uma residência que também funciona como distribuidora de entregas, onde relações familiares e relações do negócio se entrelaçam. Ao longo do texto, analiso como os projetos de vida dessa família - como “virar dono” - são adiados e reconfigurados por uma rotina de esforço contínuo, mediada pelo “*ser responsa*” e pela expectativa de apoio mútuo. Por fim, evidencio como essas dinâmicas se expressam na administração cotidiana do dinheiro e nas práticas econômicas ordinárias que sustentam a vida.



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

Os problemas domésticos enquanto objeto socioantropológico

Araújo Silva (2017) define os “problemas domésticos” como objeto sociológico central, entendendo casa e trabalho de forma interdependente, na tensão entre “ganhar a vida e manter a casa”. Essa abordagem remonta aos debates inaugurados por Machado da Silva (1984a), que propôs a etnografia dos problemas domésticos como método para explorar a relação entre família, casa e trabalho, partindo da premissa de que moralidade e dinheiro se entrelaçam no cotidiano doméstico. Esse enfoque permitiu superar a visão linear que separava produção e consumo, deslocando a atenção para as estratégias cotidianas das famílias.

Nos anos 1960, a sociologia urbana tratava a casa no registro da moradia e das articulações entre família e mercado de trabalho, organizadas em etapas de consumo, produção e reprodução. Já a partir da década de 1980, o foco deslocou-se para as estratégias de vida, especialmente por meio da análise estatística dos padrões de gastos e das formas de obtenção de renda no trabalho informal.

Mas foi a partir de Machado da Silva que o conceito de estratégias de sobrevivência passou a ser analisada como uma noção empiricamente observável na realidade nativa. Alternativamente, o autor propôs transformar a discussão sobre “estratégias de sobrevivência” em análise do comportamento cotidiano dos trabalhadores, comportamentos estes não organizados, como nos movimentos sociais urbanos e sindicais, mas em conflito velado com os modos de dominação (Araújo Silva, 2017, p.283).

Partindo desta virada analítica, Araújo Silva (2017) rompe com a perspectiva de pensar os estudos sociológicos sobre trabalho, casa e família de maneira dissociada. Através dos estudos sobre habitação e moradia nas camadas populares das favelas cariocas, a autora identificou a marcação do dinheiro e suas hierarquias (Araújo Silva, 2017, p.287) na discussão da administração da casa através do “universo de papéis sociais da família trabalhadora” (id. p. 286). De modo mais abrangente, esta relação incide nas “regiões de contato entre vida e economia” (Neiburg, 2022).

O passo seguinte ao mapeamento das marcações dos dinheiros é a compreensão de suas hierarquias: despesas grandes, despesas pessoais, investimentos, jogar



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

dinheiro fora, férias e aposentadorias. Por trás dessas categorias há planos para o presente e projetos para o futuro (Araújo Silva, 2017, p. 287).

As entregadoras veem nas entregas uma via de autonomização financeira e de maior poder decisório sobre suas casas. Essas escolhas ocorreram em meio às incertezas da pandemia, quando o desemprego, próprio ou dos parceiros, impôs a necessidade de “recalcular a rota” de suas vidas e famílias. Apesar de motivações como o gosto pelas motos e pela velocidade, flexibilidade de horários e menores custos de manutenção, o contexto emergencial foi decisivo para a entrada nesse trabalho.

A casa surge, assim, como locus privilegiado para compreender como usos do dinheiro expressam moralidades e hierarquias, especialmente após anos de convivência intensificada pela pandemia (Bandelj, *Et. Al*, 2021; Cavallero & Gago, 2022). Mais que estruturas físicas, as casas condensam dinâmicas de mobilidade e imobilidade, proteção e risco, retomando o sentido de *oikos* como unidade governada e relacional (Biehl & Neiburg, 2021). Entendida como abrigo e nó em redes mais amplas, a casa revela dimensões biopsicossociais e morais, atravessadas por regimes de gênero e práticas de cuidado que organizam a vida cotidiana:

O *oikos* constitui igualmente um conjunto de relações dinâmicas entre corpos, edificações, infraestruturas e outros elementos não humanos (sejam eles geofísicos, bioquímicos, materiais de construção ou entidades espirituais), assim como entre a intimidade, o espaço público e a *polis*. Visto por essa perspectiva, a casa é um nexo fundamental entre forças materiais, político-econômicas, afetivas e estéticas em operação, além de um lugar onde vida pública e privada se borram e esses próprios termos são ressignificados² (Biehl & Neiburg, 2021, p. 541, tradução própria).

A pesquisa articula-se intencionalmente aos estudos da oikografia, pois o ofício das motogirls é estruturado por deslocamentos constantes que, por sua vez, reconfiguram casas e relações no pós-pandemia. As demandas domésticas impulsionaram sua entrada nas entregas, enquanto a atividade laboral delas impactou a administração cotidiana das rendas familiares. O estudo emerge, assim, de uma triangulação entre as sociologias e

² Texto original: The *oikos* likewise constitutes a set of dynamic relations among bodies, buildings, infrastructures, and other nonhuman elements (be they geophysical, biochemical, building materials, or spiritual entities) and also among intimacy, public space, and the *polis*. Seen from this perspective, the house is a key nexus between material, political-economic, affective, and aesthetic forces at work, as well as a place where public and private life blur and these very terms become recast. (Biehl & Neiburg, 2021, p. 541)



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

antropologias das mobilidades, dos dinheiros e das casas, tomadas no plural para enfatizar a heterogeneidade de abordagens e significados.

A interconexão das casas evidencia redes relacionais que se tornaram ainda mais visíveis durante a pandemia de COVID-19, período marcado pela reinvenção de vínculos de cooperação e pela produção estratégica da domesticidade (Marcelin, 1996; 1999). Trocas de mantimentos, cuidados à distância, circulação de favores e riscos compartilhados reforçaram a ideia de que a casa só existe em relação a outras casas e dentro de uma configuração mais ampla.

Os dinheiros (e sua escassez) revelam seu papel central na organização cotidiana da família (Motta, 2014), tornando fundamental compreender o que está em jogo quando se fala em “ganhar a vida”, especialmente na articulação entre família, casa e mercados de trabalho (Araújo Silva, 2017). Nesse sentido, o espaço doméstico, marcado historicamente por desigualdades herdadas do sistema escravocrata, oferece um prisma privilegiado para pensar a persistente imbricação entre casa e trabalho.

Dialogando com Carsten (2003), ao invés de um domínio secundário ou restrito ao feminino, a casa figura como um centro vital de negociações e cálculos: um “coração quente e por vezes sobreaquecido” onde se cozinham alimentos, se fazem contas, mas também se negociam decisões e conflitos. A mesa da cozinha, por exemplo, torna-se espaço de gestão financeira e reorganização das prioridades, mostrando como temas considerados “públicos”, como administração e economia, atravessam domínios da intimidade (Zelizer, 2011). Nesta perspectiva, a casa é também lugar “of the making”, trazendo um sentido contínuo e processual: pão, filhos, trocas, reciprocidade e sustentabilidade do corpo (Carsten, 2003, p. 41).

Economias do vínculo: conjugalidade e moralidade doméstica

A preocupação que Manuela tem com a casa, com a moto, com os funcionários, com os relacionamentos familiares é como “uma forma de agradecimento pelo que tem hoje, porque nem sempre foi assim”. Ainda adolescente, a mãe de Manuela saiu de casa, e ela teve que morar com sua irmã mais velha e começar a trabalhar para se sustentar.



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

A trajetória de Manuela até se tornar motogirl começou sendo babá, “passando roupa para ganhar uns trocados”, panfletando na rua com a irmã e trabalhando em uma sorveteria durante seis meses. Quando despedida da sorveteria, Manuela *correu atrás* de um trabalho com carteira assinada em busca de estabilidade financeira.

O trabalho com carteira foi o último emprego em que “trabalhou para alguém”, na loja de perfumaria natural, período que durou quatro anos, mesmo “com os abusos do patrão, controlando nosso tempo e quando a gente saía, só porque ele tinha a caneta”.

Foi necessário trabalhar desde a adolescência, quando sua mãe saiu de casa para morar com o atual marido. Embora sua mãe a ajudasse com as coisas de casa, era preciso se sustentar, pois sua família “sempre foi muito apertada e vivendo com o mínimo”. Apenas após “ter seu dinheiro, começou a melhorar”. Ela se refere a ter seu dinheiro como equivalente a ter seu negócio: possuir e administrar a *base* logística.

Não mudaria nada do meu passado não, a gente dá mais valor às coisas quando sabe que não tinha nada. Hoje dou valor a tudo que tenho e temos. Conquistei coisas pessoais que me emocionam até hoje. São bobas para outras pessoas, mas para mim foi um sonho que consegui conquistar com meu esforço, ainda mais sozinha e sem ajuda de ninguém. *O passado nos dá maturidade.*

Para Manuela, houve múltiplos processos de aprendizagem: aprender a ser motogirl, aprender a ser esposa, aprender a “mexer em dinheiro de responsabilidade”, a “comandar uma empresa” e, através do diálogo, ensinar o marido a ter uma “mentalidade de casal”. Este é um valor importante para ela por conta de suas convicções religiosas, como mulher protestante. Em algumas vertentes do protestantismo, estes aspectos fazem parte da ética do que é ser “uma mulher sábia”³.

A centralidade da comunicação no casal aparece como valor moral que, segundo Manuela, recai sobretudo sobre a mulher: cabe a ela calibrar o tom e discernir o que dizer para evitar tensões que, sob o cansaço cotidiano, podem escalar por motivos ínfimos e difíceis de reparar. Um episódio no início de uma semana de entregas ilustra essa ética comunicativa. Enquanto Neto adiantava a *roteirização* e aguardava Manuela chegar com o almoço, ela comentou, em tom leve e cômico, que o gato havia bebido todo o guaravita

³ Noção baseada no texto bíblico de provérbios 31, que representa um modelo a ser seguido pelas mulheres protestantes. O texto envolve a diligência no trabalho, na administração da casa, do cuidado com a família (Couto, 2022, p.61).



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

reservado para a refeição e deixado o restante destampado na geladeira. A fala, dirigida a mim, mas claramente destinada a Neto, era uma forma indireta de chamar sua atenção sem provocar conflito.

Para Manuela, certas preocupações (especialmente as relacionadas à ordem doméstica) são responsabilidades que não podem ser “esperadas” do marido; são coisas que apenas ela vê e administra. Essa assimetria se tornou ainda mais evidente quando, adoecida por uma intoxicação alimentar e incapaz de trabalhar, ela relatou que a preocupação de Neto foi mínima. Comparando suas reações, disse que, se fosse ele o doente, ela já estaria pensando “em mil coisas para resolver”, reforçando a diferença de expectativas e engajamentos que organiza o cotidiano do casal.

No começo a gente erra muito porque também somos novos né? Ele não tinha essa mentalidade, e eu não tive uma referência de um casamento dos meus pais. Então a gente está aprendendo na prática. Mas hoje a gente está bem melhor do que antes. Conciliar o trabalho, a vida de casado. E tipo assim, a gente junto para tudo né?

Comunicação é um dos principais, não adianta ficar de charminho, ficar quieto ‘não estou legal, nossa, mas isso não gostei, eu não estou no clima’. Se for ignorante comigo vou *pagar na mesma moeda*.

É interessante pensar a expressão “pagar na mesma moeda”, que revela como os sentidos relacionados ao dinheiro, são utilizados para ilustrar outras categorias da vida, como a reciprocidade de atitudes positivas ou não em um relacionamento conjugal. Zelizer (2011) interpreta a relação entre os interesses mercantis/comerciais e os vínculos de afetividade a partir de esferas que se contaminam. A tradição econômica clássica, inclusive no âmbito da própria sociologia, pensou as relações econômicas como responsáveis por corromper moralmente a pureza dos laços afetivo-emocionais humanos e que, portanto, devem existir dissociadamente.

A autora também problematiza a noção de que existe uma nítida distinção entre dois mundos, domínios, esferas: por um lado, dinheiro, comércio, interesses, economia, capitalismo; por outro, afetos e vínculos afetivos pessoais (Zelizer, 2011). Na realidade concreta dos sentidos nativos, por exemplo, a lógica instrumental racional é contaminada (não no sentido pejorativo) aos vínculos afetivos. Na sociologia, essas esferas foram traduzidas como dicotomias entre público e privado, ambiente laboral e ambiente



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

doméstico, sociedade e comunidade e relações de produção e reprodução. No entanto, na vida social, as relações se atravessam e acontecem mutuamente.

Essa noção de esferas contaminadas dialoga com a formulação de Nadya Guimarães em entrevista às autoras (Pinho, Ferreira & Gobbi, 2023) sobre o cuidado como uma “categoria enlace” (Pinho, Ferreira & Gobbi, 2023, p. 267). Como a autora argumenta, o cuidado tem a capacidade de articular abordagens diversas, integrando temas e campos fenomênicos heterogêneos. Esse poder de enlace, porém, traz consigo tensões analíticas: ao reunir sob um mesmo guarda-chuva fenômenos distintos, arrisca-se produzir uma categoria excessivamente ampla. Para Guimarães, no entanto, essa heterogeneidade é constitutiva do campo e exige que se pense em “cuidados”, no plural, justamente para reconhecer a variedade de relações, práticas e configurações que compõem a organização social do cuidado em diferentes contextos. Em vez de buscar definições unificadoras, o desafio analítico consiste em operar com essa multiplicidade, mantendo a categoria suficientemente aberta para captar a diversidade empírica, mas rigorosa o bastante para orientar a investigação.

Hierarquias do consumo e regimes de pagamento

Manuela conta dos esforços do marido para trabalhar todos os dias e considera que precisa *estar ao lado* dele, auxiliando no que for preciso, pois não concebe “suas coisas de maneira separada”. Todos os ganhos e despesas com as entregas são divididos entre o casal, sendo exceção um cartão para *gastos pequenos* individuais, como acessórios de beleza, itens de higiene pessoal e outros.

Não são apenas os dinheiros são separados para fins específicos. O lugar em que se separa os dinheiros para fins específicos também deve considerado. Não ao acaso, o fazer contas, pagar faturas, planejar, pagar prestações, prestar contas é reciprocamente feito no lugar central de relacionamentos diários da casa: onde se divide a comida, afeto, conversa, discussão... e dinheiros.

Manuela nem sempre consegue estar à volta da mesa com o marido para conversar sobre as contas e separar os dinheiros, no entanto, ela conta que dentre as muitas viagens



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

de caminhão para as transportadoras, ela comunica o que precisa ser pago e eles deliberam sobre os dinheiros. O banco de um pequeno caminhão de carga é, então, transformado em mesa da cozinha.

Motta (2023) observa como interlocutores diferenciam “dinheiro grande” e “dinheiro pequeno”, cada qual com circuitos e locais de armazenamento próprios: distinções que também funcionam como estratégia de segurança. Entre Manuela e Neto, valores altos permanecem nas contas digitais para o pagamento de prestações e faturas, enquanto o dinheiro trocado é reservado a despesas imediatas: refeições, manutenções dos veículos, combustível.

No *Prime Day*, ao voltarem da transportadora, Manuela pediu que eu comprasse o almoço para agilizar o início da *roteirização* e, também, que baixasse as entregas do dia. Só mais tarde percebi que, naquele contexto de demanda extrema, ela me integrava operacionalmente à equipe. A organização financeira das entregas segue uma lógica minuciosa: com base nos registros de entregas realizadas por cada funcionário, Manuela calcula o total devido e realiza transferências imediatas via PIX⁴, seu principal mecanismo de pagamento. Já as contas do casal são quitadas por código de barras ou débito automático, evitando juros que, segundo ela, “no final fazem falta e podem ser usados para comprar alguma coisa que a casa precise”.

Embora distribuído em várias contas bancárias, o dinheiro do casal é entendido como “um só”. As despesas maiores, como água, luz, internet, prestações são prioridade e requerem comunicação mútua sobre valores e datas. Gastos menores ou supérfluos, como “blusinhas da Shein”, Manuela paga com sobras das prestações, sem necessidade de informar Neto. Há também uma divisão das responsabilidades: ele arca com os custos da distribuidora (manutenção, peças, gasolina, documentos), enquanto ela paga funcionários, contas da casa e compras do mês, porque “sabe o que está faltando”.

A gestão monetária envolve ainda cuidados cotidianos: os cartões de Manuela não têm função de aproximação, por receio de perda durante os deslocamentos entre as

⁴ Pix é o pagamento instantâneo brasileiro. É o meio de pagamentos criado pelo Banco Central (BC) em que os recursos são transferidos entre contas em poucos segundos, a qualquer hora ou dia. Ver: [BC](#). Acesso em 04 de novembro de 2023.



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

transportadoras. Para ela, boa parte do dinheiro que entra “já tem destino certo”: faturas, salários e prestações dos veículos. Por isso, adia compras desejadas para a casa, como a fritadeira elétrica de oito litros que, Manuela diz, só poderá adquirir “entregando muitas dessas” encomendas.

Ganhando a vida: a casa como *base* de circulação

A *base* da distribuidora - localizada na garagem da sogra de Manuela - é simultaneamente casa e local de trabalho. No vocabulário dos entregadores, “*base*” designa esse espaço doméstico onde encomendas são recebidas, separadas e organizadas antes da distribuição final. No caso estudado, o ambiente é compartilhado por três atividades: a garagem usada por Manuela e Neto para *roteirizar* e despachar entregas; o ateliê onde a sogra produz peças de vestuário sob encomenda e uma pequena sala que funciona como consultório de fisioterapia da cunhada de Manuela.

Kate, mãe de Neto, foi o principal incentivo para o início da empresa, em 2020, quando ele ainda transportava pacotes em sacolas recicláveis de mercado. A distribuidora permitiu ao casal “juntar dinheiro para casar” e alcançar uma estabilidade considerada fundamental para constituir família - expectativa também presente na trajetória da cunhada. Como aponta Araújo Silva (2017), a estabilidade do rendimento continua sendo, entre trabalhadores, elemento central na elaboração de projetos de vida.

O casamento foi igualmente decisivo na decisão de Neto de deixar seu emprego formal, no qual entregava documentos a pé ou ocasionalmente de moto. A dinâmica familiar reforçava essa pressão: a irmã mais nova de Neto já tinha casa encaminhada e casamento marcado, enquanto Manuela e Neto, juntos há mais tempo, ainda “não tinham se ajeitado”. Após a aprovação de Neto na transportadora, ele passou a usar o automóvel da mãe para fazer entregas, mais rentável que múltiplas viagens de moto - até financiar uma Saveiro em 2022. Mais recentemente, o casal vendeu o veículo para dar entrada em um VUC (Veículo Urbano de Carga), após nova aprovação de cadastro pelo Mercado Livre. Esses deslocamentos materiais e afetivos mostram como “as conquistas da vida” entre



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

meus interlocutores articulam simultaneamente relacionamentos duradouros, aquisição de bens e a busca por estabilidade.

“Virar dono”: horizontes possíveis e moralidades do sustento

Álvarez & Perelman (2020) compreendem os sentidos de “ganhar a vida” como “as maneiras em que as pessoas produzem formas de garantir aquilo que consideram uma vida digna”⁵ (Álvarez & Perelman, 2020, p. 7). Em L’Estoile (2020), os significados de uma vida digna abarcam orientações para o futuro em contextos de incerteza. Manuela faz projetos para o futuro (Araújo Silva, 2017; Motta, 2016, p. 199) a partir de comparações com pessoas que, segundo ela, já chegaram a esse lugar - e com base nos sentidos que atribui a “estar na posição de patrão”:

Tem um cara que trabalha numa loja de suplementos e agora virou dono. O cara hoje tem uma motona, mas ele começou com uma umazinha igual a nossa cinza. Só que dia de domingo ele está arrumando a loja, você vai lá e ele está sempre trabalhando na loja. Isso, ninguém vê, né? As pessoas só veem a BMW, as coisas que ele conquista, mas não sabem como. É sempre assim.

Nesse sentido, “virar dono” ultrapassa a ideia de expandir um negócio, contratar funcionários ou deixar de cumprir jornadas exaustivas. Ainda que sócia de uma pequena empresa, para Manuela, tornar-se de fato “dona” significaria “ter algum lucro”, ou seja, não precisar usar quase toda a renda para pagar prestações e dívidas, o que mantém ela e o marido “presos”. Esses significados também se articulam à casa e às melhorias esperadas na rotina cotidiana do casal.

Manuela associava a aquisição de bens domésticos à possibilidade de “mudar de vida” ou “ter uma vida digna”, priorizando objetos que facilitassem o cotidiano. Esses desejos estavam articulados a planos imediatos e também a planos a longo prazo. Manuela e Neto moravam, até então, em uma quitinete pequena e mal localizada, herdada do pai dela, cuja subida íngreme tornava o retorno após um dia de trabalho ainda mais exaustivo.

⁵Texto original: Las maneras en que las personas producen formas de garantizar aquello que consideran una vida digna (Álvarez & Perelman, 2020, p. 7).



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

Além disso, precisavam sair de casa antes do amanhecer para chegar ao galpão emprestado onde o caminhão ficava guardado.

Manuela sonhava em alugar uma casa mais próxima da *base*, reduzindo o desgaste das madrugadas. Comparava-se a amigos que tinham tempo para viajar e sair, enquanto ela e o marido, sempre cansados das longas jornadas, mal conseguiam fazer algo além de descansar.

A casa também surgia como refúgio almejado em meio à rotina de entregas. Ela lamentava não conseguir dedicar um dia sequer para arrumar o lar, descansar ou estar com a família. Recordava, por exemplo, a ocasião em que preparou o almoço e o feijão azedou no calor, obrigando o casal a trabalhar toda a tarde apenas com um sanduíche; no dia seguinte, partiram novamente de madrugada para mais um turno de entregas, retornando somente à noite.

No entanto, em muitos outros momentos, a casa de Manuela representou algo que a aprisionava: seja por conta das tarefas domésticas, seja pela impossibilidade de viajar uma vez ao ano como todos os outros amigos.

Estou me sentindo cansada, exausta. Só que é assim: trabalho a semana toda. No final de semana ainda tenho que limpar a casa, que está sempre uma bagunça porque durante a semana não tenho como. Mas a verdade é que você só quer descansar. E não tem descanso. É muito raro eu conseguir ficar um dia todo sem fazer nada.

O cansaço e suas variações são elementos constantes na vida de quem se movimenta. Guardadas as devidas proporções contextuais, Guedes (2011, 2013b, 2015, 2017, 2021) destaca estes movimentos (políticos, no trecho), seja em oposição à aventura, como o sentido evocado por Kate para que Neto arriscasse um negócio novo; no sentido religioso (Guedes, 2011, p.351) ou oposto à ideia de descontrole (Guedes 2017). Contudo, o sentido trazido por Manuela tem contornos de constância e de projetos futuros, o sossego como “projeto de vida” (Guedes, 2011, p.414).

As funções desempenhadas por Manuela e Neto estão subordinadas a plataformas digitais como Mercado Livre, Shopee e Total Express, que operam por meio de sistemas de gestão algorítmica responsáveis por definir metas, prazos e formas de remuneração. A intermediação digital organiza o fluxo de peças, controla tempos, trajetos e estabelece



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

penalidades, gerando uma forma particular de subordinação que combina flexibilidade aparente e controle constante. Inserir a distribuidora logística nessa configuração permite compreender como as moralidades domésticas, as dinâmicas familiares e as economias populares se articulam às tecnologias e lógicas de gestão próprias da plataformização do trabalho.

A literatura sobre trabalho plataformizado tem enfatizado que o gerenciamento algorítmico, ao organizar o trabalho, rearticula desigualdades de gênero modulando trajetórias e formas de disponibilidade laboral (Abílio et al., 2021; Rosenblat, 2018). Nesse sentido, as plataformas operam uma reconfiguração das desigualdades preexistentes, orientando-as segundo seus próprios parâmetros de avaliação e produtividade. Ao deslocar o foco para a casa e suas moralidades, este artigo mostra como tais assimetrias são também produzidas e negociadas no interior dos lares, onde redes de apoio familiares e a divisão do trabalho moldam as possibilidades de engajamento nos circuitos digitais de entrega.

O carregamento da Total Express é feito às segundas e quartas, o do Mercado Livre, às terças, quintas, sextas e domingos alternados. No entanto, essas escalas eram apenas estimativas, uma vez que estas transportadoras trabalham sob demanda de entregas. Todos os dias, eles precisam buscar as entregas destinadas à cidade de Rio Bonito nas sedes das transportadoras, que se situam nas cidades de Araruama e Maricá, respectivamente.

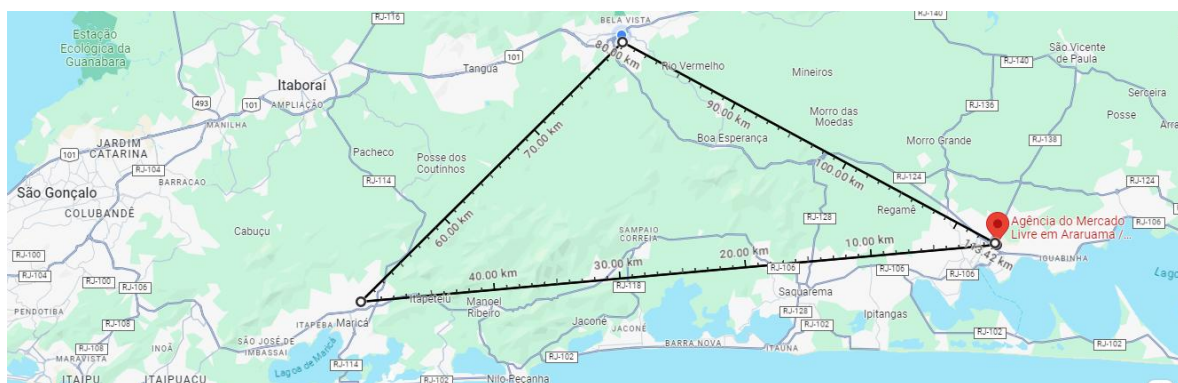


Figura 1: Distância entre a sede das transportadoras e a base da Distribuidora Honda. Distância de aproximadamente 70.48 mi. Fonte: Google Maps.



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

Após voltarem para a *base*, era preciso descarregar o caminhão e *roteirizar*. Apenas depois destas etapas cruciais, eles poderiam começar o dia de trabalho, o qual geralmente se inicia em torno das 9h da manhã. As *peças*⁶ precisam estar sob constante controle e contagem, para a etapa seguinte: *dar baixa*⁷ no sistema de cada transportadora, a qual possui a quantidade de entregas que foi despachada na transportadora. O processo de *dar baixa*, termo usado pelos entregadores para indicar a confirmação de que a encomenda foi entregue ao destinatário, é central para o cotidiano laboral da distribuidora, pois regula pagamentos, metas e eventuais penalidades impostas pelas plataformas.

“Financiado pelo suor”: esperas e sacrifícios cotidianos

Outro indicador do que o casal considera como verdadeira estabilidade financeira a ser alcançada é poder comprar à vista. Eles percebem que os imprevistos financeiros, como manutenção e peças dos veículos onde fazem as entregas, os impedem de guardar dinheiro ou ter uma reserva.

De todas as nossas coisas, *nenhuma foi comprada à vista*, todas foram *financiadas pelo suor*, todas compradas com o dinheiro de entrega. Só consegui pagar a minha motinha, porque fora isso tudo a gente continua pagando. A gente *fica apertado* assim com o financiamento dessas coisas grandes [como a prestação do caminhão que ultrapassa o valor de R\$1.500], só que a gente trabalha para poder pagar. *Elas se pagam*, agora sobrar lucro, nem sei.

As incertezas na vida de Manuela e Neto não se limitam à oscilação dos “dinheiros certos”, mas aparecem sobretudo como imprevistos que desestabilizam planejamentos.

⁶ Os pacotes recebem nomes diferentes conforme a etapa da entrega: 1) *produto* até chegar na distribuidora, 2) *entrega* ou *peça*, quando está sob a responsabilidade dos entregadores, da *base* à casa do cliente, e 3) *encomenda*, quando se refere ao produto a ser adquirido pelo cliente.

⁷ *Dar baixa* significa registrar no sistema por aplicativo da transportadora a entrega feita. Consiste nas seguintes etapas: 1) Tirar foto da embalagem da entrega, em que conste o nome do cliente, o endereço, e a transportadora responsável; 2) Enviar ao grupo de WhatsApp em que estão presentes os funcionários e os donos da distribuidora; 3) Na legenda da imagem, registrar quem recebeu a encomenda, nas categorias: próprio destinatário, esposa (o), vizinha (o), familiar, outro. 4) Manuela recebe as fotos no grupo, identifica o nome correspondente no aplicativo, clica em entrega recebida, seleciona a categoria de quem recebeu, insere o CPF e escreve o nome do cliente com o dedo indicador no touchscreen da tela de celular, simulando a assinatura do cliente. Quando a entrega não é recebida, é preciso retorná-la à *base* para ser retornada à transportadora até às 7h do dia seguinte.



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

Nessas situações, Manuela precisa desfazer reservas — “desintear uma conta” — para priorizar gastos do trabalho, visto como fonte que sustenta todas as demais despesas. Tais movimentações revelam práticas de *earmarking*, em que o dinheiro é marcado e reservado para fins específicos, constituindo um trabalho relacional central (Zelizer, 1998, 2005, 2009, 2011, 2017).

Quando iniciei o campo, em 2022, a distribuidora operava com duas motos e uma Saveiro, além de dois funcionários. Em 2023, ambos se demitiram, e, no mesmo período, o casal enfrentou um prejuízo inesperado após o roubo da placa do carro, que gerou custos superiores a dois mil reais em DUDAs (Documento Único do DETRAN (Departamento Estadual de Trânsito) de Arrecadação) e documentações, além do risco de multas. Para evitar esse ônus e ampliar a capacidade de trabalho, Neto decidiu vender a Saveiro, dar entrada em um caminhão e começar a operar com o Mercado Livre, buscando aumentar o volume de entregas e, assim, recompor a renda.



Figura 2: VUC (Veículo Urbano de Carga), o "Caminhãozinho" de Manuela e Neto. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

A compra da caminhonete intensificou o ritmo de trabalho, dado o compromisso mensal das prestações e os custos recorrentes com combustível e documentação parcelada. Só após cobrir essas despesas, Manuela vislumbra algum lucro, ainda assim dependente da obtenção de mais entregas e, portanto, de mais pessoas dispostas a trabalhar com eles. Desde a saída de dois funcionários, apenas uma nova contratação foi possível, alguém “de confiança” para acessar a garagem da sogra, onde ficam guardados mercadorias e celulares. Para Manuela, a expansão do negócio se projeta em um longo horizonte de meses ou anos.

Esses contratempos também produzem perdas de tempo e redução direta de renda. Um exemplo é o dia em que uma peça da moto que aciona a partida quebrou, obrigando Manuela a deslocar-se até a loja, gastando combustível e interrompendo a rotina de entregas. Nesse mesmo momento, Neto estava em outra transportadora recolhendo volumes, enquanto a mãe de Manuela, indisposta, havia dormido em sua casa.

A moto que o funcionário usa deu ruim, estragou o start, o click de ligar, e não queria desligar mais. Comprei, mas não era o mesmo, era um cabo específico que não tinha no centro da cidade, só na loja da beira da pista. Neto ainda estava agarrado na transportadora. Tive que comprar, eu fui lá. Depois o funcionário conseguiu colocar e apenas após isso o dia fluiu. Se não fosse isso teríamos terminado as entregas muito antes.

Entre o “dar conta” e o “ser responsa”: economias morais das práticas de cuidado e de responsabilidade

Além de espaço de trabalho, a *base* é também espaço de convivência entre uma família. Para minha interlocutora, isso se exprime no suporte mútuo em caso de necessidade, o que ela chama de *ser responsa*, ou seja, *dar conta* de uma demanda, se possível, sem que seja preciso pedir. Para Manuela, esta nova realidade foi parte de um processo de aprendizado adquirido após o casamento.

Os sentidos de “dar conta” estão atrelados à noção de equilíbrio para minhas interlocutoras. Assim como para manter a moto em movimento é preciso se equilibrar sobre duas rodas, na vida é preciso se equilibrar entre arriscar a vida em um trabalho perigoso para ter o sustento diário e *dar conta das contas* (Couto, 2022, p. 55). *Dar conta*



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

envolve ser competente em um serviço, assumir riscos, ter uma função inteiramente sob sua responsabilidade e executá-la com sucesso (Couto, 2022, p. 47). É também prestar contas: ao chefe, aos colegas de trabalho, aos familiares de uma casa; trazer retorno a algum benefício que lhe foi confiado, seja financeiro, de tempo ou de confiança.

Ser resposta é uma gíria para ser responsável, entender as regras de manter a reciprocidade entre favores prestados e recebidos, atos de afeto e o que se abre mão em prol do bem-estar alheio. No entanto, para *ser resposta*, estas cobranças precisam estar implícitas, ou seja, não se é *resposta* se forem necessárias cobranças a todo o momento.

Quando Kate, sogra de Manuela e mãe de Neto, se casou com seu atual marido, Celso, a celebração surpresa organizada pela tia impediu que muitos amigos comparecessem, gerando ressentimentos. Como os dois se conheceram na *base*, Celso trabalhava diariamente com Manuela e Neto e convivia com a família, decidiram organizar ali um chá da tarde para “oficializar o matrimônio” perante amigos e irmãos da igreja.

Na festa, a *base* foi transformada em um salão de festas improvisado. Manuela e Neto ocupavam um lugar de destaque ao lado do casal principal e do restante da família. Durante o evento, uma convidada comentou em tom crítico que Neto não largava o celular, sem saber que ele seguia *baixando entregas* mesmo durante a comemoração. Quando chegou o momento de servir a comida, Manuela preparou um prato para o marido, cuidando para que ele pudesse continuar trabalhando no intervalo possível. Apesar de não ter contribuído com nenhum prato, oferecia ajuda o tempo todo, repondo a mesa sempre que necessário - uma forma de se mostrar *resposta*, alinhando-se à etiqueta tácita da família da sogra e apoiando o marido.

Para Manuela, a família de Neto é “muito unida”, o que facilitou sua aproximação com eles a partir da convivência cotidiana na *base*. Antes do casamento, trabalhava em uma loja de perfumes artesanais e não frequentava a casa do namorado; agora, essa circulação era parte do cotidiano. No Prime Day, ao ver o volume excepcional das encomendas, a sogra prontamente se dispôs a ajudar a descarregar o caminhão, sem que ninguém precisasse pedir.

Nos primeiros anos da empresa, quando havia apenas um carro e uma moto, e o volume de entregas era pequeno, a sogra de Manuela frequentemente ajudava nas



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

distribuições usando o próprio carro “tarde da noite, gastando do seu combustível”, sem jamais solicitar reembolso. Por isso, Manuela sente ter uma “dívida de gratidão” e busca retribuir auxiliando no ateliê da sogra, especialmente no final do ano, quando ela produz figurinos para companhias de ballet da cidade.

As datas comemorativas marcam fortemente a sazonalidade da *base*, diferentemente das entregas por aplicativos de comida. Há também ciclos menores, perceptíveis nas duas primeiras semanas de cada mês, que Manuela associa aos períodos de pagamento da clientela.

A nossa demanda aqui é diferente, tem períodos que tem muito, tem períodos que não tem, é variável. Depende também de dia comemorativo, como dia das mães, dia dos pais, Natal. Nesse último dia das mães, na última semana, teve aquela corrida para todo mundo comprar os presentes. Aí as entregas chegaram no domingo, no mais tardar, segunda. Passou disso, vira aquela compra normal dos clientes, ‘estou precisando disso, daquilo’, não é nada comemorativo. Pessoal espera muitas vezes o cartão virar, pagar as contas do mês, sobrar alguma coisa, para fazer pedido.

As movimentações intensas que marcam períodos como o Prime Day e datas festivas estruturam o ritmo da *base* e da vida de Manuela, compondo verdadeiras efervescências sazonais. Tais dinâmicas remetem ao *corroboree* descrito por Mauss (2003), sugerindo rituais que, ao mesmo tempo, reafirmam estruturas sociais e abrem espaço para rearranjos (Graeber & Wengrow, 2021).

No entanto, as exigências de “ser resposta” no âmbito familiar nem sempre são percebidas como obrigação compartilhada. Após a morte do pai e com a mãe sem condições de realizar certos serviços, Manuela, única filha por perto, assume o cuidado, reproduzindo dinâmicas observadas por Motta (2014), em que eventos familiares reconfiguram relações entre casas e papéis de cuidado.

Nesse contexto, Neto enfrenta um dilema: atender ao maior volume de entregas já recebido na *base* ou dedicar o dia a resolver um problema urgente da família da esposa. Delegar a tarefa a terceiros pode parecer desconsideração e significar perda financeira, enquanto atender à demanda familiar mobiliza expectativas morais de cuidado e reciprocidade.

Nunca é só um cano, tem sempre um negócio para comprar. Pode ver que vai ter cano entupido, rachado, que vai ter que comprar, e ela [Manuela] não vai querer pedir para a mãe. Não dá para ficar resolvendo tudo para eles sempre, não é



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

egoísmo. É que quando chega na hora do nosso aperto, a gente que tem que se virar.

Além disso, tem que ir lá no telhado, esvaziar a caixa d'água, limpar, enxaguar e botar para encher de novo. A gente tem um prazo para fazer essas entregas, e você está vendo como está a correria hoje. Manuela às vezes acha que pode abraçar o mundo com as pernas, mas tem coisa que está de acordo com as nossas possibilidades, tem coisa que não está.

Estes cálculos “morais e contábeis” (Araújo Silva, 2017, p.286) são constantes nos arranjos financeiros do casal. Para Manuela, em contrapartida, *suprir a necessidade da casa* da mãe é prioridade, por todo o cuidado prestado ao longo de sua vida. A jovem entregadora conta que, não poucas vezes, almoça às segundas a comida que a mãe faz aos finais de semana. Manuela lembra ao marido a tarefa de seu falecido pai, que era responsável por estes reparos emergenciais, também para destacar que é preciso reciprocidade em *ser resposta* com a família um do outro. Apesar de não concordar com as “atitudes controladoras” da mãe, Manuela enxerga os constantes confrontos com a mãe no início do casamento como um sacrifício, tendo que “aguentar muita coisa calada” em prol de sua almejada emancipação. O estabelecimento de certas “fronteiras” em prol do relacionamento que ela e o marido possuem hoje é um dos sacrifícios que Manuela teve que suportar pela sua liberdade.

Considerações Finais

Os usos sociais do dinheiro constituem uma chave privilegiada para compreender práticas econômicas ancoradas no cotidiano, revelando valores, afetos e formas de classificação moral. No caso analisado, o dinheiro opera como marcador relacional que orienta fronteiras entre contas, obrigações, reciprocidades e prioridades, continuamente negociadas no interior da casa - espaço simultaneamente de sustento e reprodução da vida (Araújo Silva, 2017).

A primeira seção mostrou a casa como unidade analítica fundamental, entendida não apenas como estrutura física, mas como núcleo de relações e moralidades (Carsten, 2003). As separações e classificações dos dinheiros evidenciam limites e possibilidades de gestão em cenários de instabilidade, aproximando-se de debates clássicos sobre estratégias cotidianas de reprodução social (Machado da Silva, 1984; 2018; Araújo Silva,



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

2017), agora reconfigurados por urgências e pelo governo ampliado das casas no pós-pandemia (Biehl & Neiburg, 2021).

A segunda seção destacou como Manuela e Neto acionam essas práticas para sustentar projetos de autonomia e futuro. Apesar de operarem como microempreendedores, a expectativa de estabilidade permanece adiada, exigindo marcações constantes do dinheiro (Zelizer, 2011) e decisões permeadas por cálculos morais, gênero e obrigações familiares, o esforço de *ser responsa*.

Ao acompanhar os usos do dinheiro em uma distribuidora familiar de entregas, o artigo evidenciou dinâmicas ordinárias de economia e cuidado entre mulheres motofretistas, mostrando como vínculos afetivos, reciprocidades e disputas conjugais moldam a fronteira entre casa e negócio. Nesse processo, práticas de separação, remanejamento e priorização dos dinheiros tornam-se essenciais para sustentar a vida em meio à instabilidade e ao esforço contínuo, na construção de futuros possíveis “um boleto por vez”.

Referências

Abílio, Ludmila Costhek; Amorim, Henrique; Grohmann, Rafael. **Trabalho em plataformas digitais: perspectivas desde o Sul global**. Sociologias, Porto Alegre, ano 23, n. 57, p. 18-25, 2021.

Álvarez, María Inés Fernández; Perelman, Mariano. **Perspectivas antropológicas sobre las formas de (ganarse la) vida**. Cuadernos de Antropología Social. n. 51. 2020.

Araújo Silva, Marcella Carvalho de. **Obras, casas e contas: uma etnografia de problemas domésticos de trabalhadores urbanos, no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

Bandelj, Nina; Lanuza, Yader R. & Kim, Julie S. Gendered Relational Work: How gender shapes money attitudes and expectations of young adults. **Journal of Cultural Economy**, 2021.

Biehl, João & Neiburg, Federico. OIKOGRAPHY: Ethnographies of House-ing in Critical Times. **Cultural Anthropology**, v. 36, n. 4, p. 539–547, 2021.

Carsten, Janet. **After Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

Cavallero, Lucía & Gago, Verónica. **La casa como laboratorio: Finanzas, vivienda y trabajo esencial**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación Rosa Luxemburgo, 2022.

Cortado, Thomas Jacques. Tem de enfrentar a chuva: Casa, vida e mobilidade entre camadas populares brasileiras. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Reflexões na pandemia**, Rio de Janeiro, 2020.

Couto, Ana Raquel Rosa do. **Pra frente que se anda: as dinâmicas e moralidades das motogirls**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2022.

De L'Estoile, Benoit. Oikonomia na Zona da Mata. **RURIS – Revista do Centro de Estudos Rurais**, v. 12, n. 2, p. 211-226, 2020.

Graeber, David & Wengrow, David. **O despertar de tudo: uma nova história da humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Guedes, André Dumans. Andança, agitação, luta, autonomia, evolução: Sentidos do movimento e da mobilidade. **RURIS – Revista do Centro de Estudos Rurais**, v. 9, n. 1, p. 111-141, 2015.

Guedes, André Dumans. Construindo e estabilizando cidades, casas e pessoas. **Mana – Estudos de Antropologia Social**, v. 23, p. 403-435, 2017.

Guedes, André Dumans. Interstícios, distâncias e formas provisórias de existências. **Mana – Estudos de Antropologia Social**, v. 27, n. 2, p. 1-8, 2021.

Guedes, André Dumans. Na estrada e na lama com Jorge, um brasileiro: trabalho e moradia nas fronteiras do desenvolvimento. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, 2013b.

Guedes, André Dumans. **O trecho, as mães, os papéis: Movimentos e Durações no Norte de Goiás**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

Machado Da Silva, Luiz Antônio. Estratégias de vida e jornada de trabalho. In.: Machado Da Silva, Luiz Antônio; Leite Lopes, José Sérgio. **Condições de vida das camadas populares**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984^a.

Machado Da Silva, Luiz Antonio. **O mundo popular: trabalho e condições de vida**. In.: Mariana Cavalcanti, Eugênia Motta, Marcella Araújo (Orgs.). Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

Marcelin, Louis Herns. **A invenção da família afro-americana: família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia, Brasil.** Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

Marcelin, Louis Herns. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano. **Mana – Estudos de Antropologia Social**, v. 5, n. 2, p. 31-60, 1999.

Marques, Ana Cláudia Rocha & Leal, Natacha Simei (Orgs.). **Alquimias do parentesco: casas, gentes, papéis, territórios.** Rio de Janeiro: Gramma; São Paulo: Terceiro Nome, 2018.

Marques, Ana Claudia. Pioneiros de Mato Grosso e Pernambuco: Novos e velhos capítulos da colonização do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 83, 2013.

Mauss, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

Motta, Eugênia. Houses and Economy in the favela. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 11, n. 1, 2014.

Motta, Eugênia. O que faz o dinheiro da casa. **Horizontes Antropológicos**, v. 29, n. 66, p. 2-30, 2023.

Motta, Eugênia; Neiburg, Frederico; Rabossi, Fernando & Müller, Lúcia. Ethnographies of Economy/ics: Making and Reading. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 11, n. 1, 2014.

Neiburg, Frederico. Buscando a vida na economia e na etnografia. **Mana**, v. 28, n. 2, p. 1–32, 2022.

Neiburg, Frederico. Os sentidos sociais da economia. *In*: Dias Duarte, Luiz Fernando; (Org.). **Antropologia. Horizontes das ciências sociais no Brasil.** São Paulo: ANPOCS, 2010.

Pinho, Isabela Vianna; Ferreira, Lina Penati & Gobbi, Fernanda. O enlace entre trabalho, cuidado e gênero: uma entrevista com Nadya Araujo Guimarães. **Áskesis**, v. 12, n. 1, p. 258-289, 2023.

Rosenblat, Alex. **Uberland: How Algorithms Are Rewriting the Rules of Work.** Oakland: University of California Press, 2018.

Zelizer, Viviana. Dualidades perigosas. **Mana**, v. 15, n. 1, 2009.

Zelizer, Viviana. **Economic Lives: How Culture Shapes Economy.** Princeton: Princeton University Press, 2011.



Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online.

Ana Raquel Rosa do Couto

Zelizer, Viviana. How people talk about money. **American Behavioral Scientist**, v. 41, n. 10, p. 1373–1383, 1998.

Zelizer, Viviana. **The purchase of intimacy**. Princeton: Princeton University Press, 2005.

Zelizer, Viviana. **The social meaning of money: pin money, paychecks, poor relief & other currencies**. Princeton: Princeton University Press, 2017.

Data de recebimento: 11 de setembro de 2025

Data de aceite: 19 de janeiro de 2026

Como citar este artigo de acordo com a ABNT:

COUTO, Ana Raquel Rosa do. Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora de encomendas online. **Áskesis**, v. 15, n. 1, p. 19-41, jan./jun. 2026. DOI: <https://doi.org/10.14244/2238-3069.2026/47>.